

**Maria Medeiros dos Reis**

**A luta pela terra e por escola no Assentamento 1º de Junho**



**Figura 1 foto tirada em 05/06/2006 plantio de mudas dia do meio ambiente pelos alunos no Assentamento 1º de Junho ,Tumiritinga –MG (MEDEIROS)**

Belo Horizonte

2014

**Maria Medeiros dos Reis**

**A LUTA PELA TERRA E POR ESCOLA NO ASSENTAMENTO 1º DE JUNHO**

Monografia apresentada ao curso de  
Especialização em Educação do Campo da  
Faculdade de Educação, Universidade  
Federal de Minas Gerais.

Orientadora: prof. Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima  
Almeida

Belo Horizonte

2014

**MARIA MEDEIROS DOS REIS**

**A LUTA PELA TERRA E POR ESCOLA NO ASSENTAMENTO 1º DE JUNHO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação do Campo da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.  
Orientadora: prof. Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Almeida

**Aprovada em 30/10/2014**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Maria Isabel Antunes FAE / UFMG**

**Coorientadora Camila Zucon -UFMG**

---

***Orientadora Maria de Fátima Almeida Martins - FAE/UFMG***

---

## AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente aos companheiros e companheiras do MST que, com toda dedicação fizeram parte desta história e contribuíram para que eu pudesse realizar este estudo. Agradeço à professora Maria de Fátima Almeida, Maria Isabel Antunes, e Camila Zucon, que na elaboração desta monografia me orientaram como puderam, e me incentivaram a escrever a nossa história de luta. Agradeço também pelo aprendizado que me proporcionaram durante os estudos dos cadernos de educação do campo e do curso de especialização que marcou profundamente a nossa caminhada. À banca avaliadora desta monografia. Aos meus amigos de curso principalmente à Zenilda e ao Armando meus vizinhos que me deram maior força para fazer o curso. A Carol, a Camila Zucon, e o Geomar que me ajudaram a organizar meus trabalhos de pesquisa. A todos os moradores do Assentamento 1º de Junho, funcionários, educadores e educandos da E. E. 1º de Junho que entenderam a importância do estudo para nós do campo. Aos Estudantes do LICENA (Licenciatura em educação do Campo) do 1º de Junho que iniciaram o curso em 2014 na UFV (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA)

De maneira especial agradeço minhas irmãs Ana Rita e Josina pelo apoio, ao meu filho Felipe que me incentivou e ficou cuidando da casa enquanto eu estudava em B.H. Ao meu companheiro Bida que Deus colocou no meu caminho para me inspirar a escrever com muita alegria e amor, esta monografia.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória da luta pela terra e pela escola no Assentamento 1º de Junho, município de Tumiritinga, estado de Minas Gerais, de maneira a compreender a dinâmica organizativa e a mística que nos anima nesta caminhada histórica.

Sabemos que existem diferenças entre um estado e outro, uma região e outra. Contudo, nossos objetivos e desafios são os mesmos. Precisamos resistir e produzir na terra que duramente conquistamos. Precisamos construir vida nova e a escola está dentro deste processo.

A memória é viva, pois todas as lembranças são constantemente recontadas pelo que vivemos no presente. A história construída pretende reavivar a reflexão coletiva que poderá nos ajudar na construção da escola do campo que queremos.

## PALAVRAS-CHAVE:

LUTA, TERRA, ASSENTAMENTO, ESCOLA, IDENTIDADE, DIGNIDADE E REFORMA AGRÁRIA.

A EDUCAÇÃO DO CAMPO :SÓ A LUTA FAZ VALER  
Maria Medeiros dos Reis

NA EDUCAÇÃO DO CAMPO ,TODOS ESTÃO ORGANIZADOS,  
INDIGENAS, QUILOMBOLAS, , CAMPONESES , E ASSENTADOS  
OCUPANDO O LATIFUNDIO, CRIANDO NOSSAS ESCOLAS,  
INDO PRÁ UNIVERSIDADE ESCREVER NOSSO LEGADO.

JOVENS, ADULTOS E CRIANÇAS, APRENDENDO E ENSINANDO...  
QUEREMOS FORMAR MILITANTES ,PARA A LUTA IR TOCANDO,  
FINCAR NOSSA BANDEIRA NA TERRA,  
PARA A REFORMA AGRÁRIA IR CHEGANDO...

QUANDO OCUPAMOS A TERRA ,  
ATÉ CURRAL VIRA ESCOLA, O PASTO VIRA CAMPO,  
PROS SEM TERRINHA JOGAR BOLA,  
TUDO FICA ANIMADO ,POIS SEM TERRA NÃO ENROLA.

ORGANIZAR OS GRUPOS  
PRA FAZER A PLANTAÇÃO, AVANÇAR NA RESISTÊNCIA,  
E PODER COLHER O PÃO, PLANTAR HORTA NAS ESCOLAS  
PRA VALORIZAR A TERRA , O TRABALHO E O MUTIRÃO.

NOSSOS JOVENS ESTÃO CHEGANDO ATÉ NAS UNIVERSIDADES,  
OCUPANDO ESTE ESPAÇO E ESTUDANDO DE VERDADE,  
PRODUZINDO MAIS CULTURA,  
INDEPENDENTE DA IDADE.  
SE NA UNIVERSIDADE TIVER ESPAÇO PRO CAMPONÊS,  
A GENTE FAZ MONOGRAFIA,  
E VOLTA PRO CAMPO OUTRA VEZ

“Quem sentou na varanda e olhou para a tarde, certamente  
se lembra”.  
Quem saiu pela porta e seguiu o caminho vislumbrou  
certamente, o novo horizonte.  
Os caminhos se abrem com o cheiro dos sonhos e se  
tornam realidade [...]”

ZÉ PINTO

## Sumário

Introdução .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Capítulo I - História da Luta pela Terra no nordeste de Minas-Aruega .....	10
Capítulo II: Histórico do Assentamento –chegada no vale do Rio Doce e a conquista da terra/ a luta pela escola em Aruega e no Assentamento 1º de junho .....	13
Capítulo III Trajetória dos educadores	
Sujeitos da Educação do Campo .....	15
Práticas de Educação do Campo.....	17
Políticas Públicas da Educação do Campo .....	18
Análise das entrevistas: .....	18
Grupo focal	
Considerações finais .....	21
Referências Bibliográficas.....	23

## INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo identificar e conhecer os sujeitos da Educação do Campo dentro da nossa realidade, como também as práticas desenvolvidas e as políticas públicas aplicadas à Educação do Campo.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual 1º de Junho no Município de Tumiritinga, Minas Gerais. Esta escola funciona na sede do assentamento, e tem três turmas de ensino fundamental dos anos iniciais e três turmas de Educação de Jovens e adultos anos finais e três turmas vinculadas. Sendo uma situada na Comunidade do Limeira e outras duas, no Acampamento Boa Esperança localizada a dez quilometro da escola sede.

O estudo identifica os sujeitos e analisa como eles se envolvem nos processos educativos da Educação do Campo. Outro objetivo foi conhecer as práticas que aproximam/dialogam com a Educação do Campo e como elas interferem na vida da comunidade. E ainda, buscou compreender a existência de políticas públicas, analisando sua aplicabilidade, identificando os grupos envolvidos, a divulgação e seus efeitos nas comunidades.

A escolha do tema para esta pesquisa sobre a história da luta pela terra e por escola no Assentamento 1º de junho foi com a intenção de registrar as experiências vividas, junto aos companheiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde 1988, com primeira ocupação a da Fazenda Aruega no município de Novo Cruzeiro no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Onde se desenvolveu a primeira experiência em educação de Assentamento no estado na Escola Estadual da Fazenda Aruega.

Esta caminhada continuou no Vale do Rio Doce para onde marcharam as famílias excedentes de Aruega, ocupando a Fazenda Califórnia às margens do Rio Doce e da Ferrovia Vitória-Minas, no dia 1º de junho de 1993, primeira ocupação do MST no leste de minas, que culminou na criação da E. E. PRIMEIRO DE JUNHO em 1995, a segunda Escola Estadual com a proposta pedagógica do MST em Assentamento de Reforma Agrária.

Neste contexto iniciava nacionalmente a organização do setor de educação do MST e o coletivo nacional, onde começavam a produzir os primeiros materiais para orientar os educadores da Reforma agrária.

Os desafios foram e continuam sendo grandes, pois tanto em Aruega, quanto no Primeiro de Junho, só temos o ensino fundamental em funcionamento, e o objetivo é avançar e implementar a escola com anos iniciais, ensino fundamental, anos finais e



ensino médio com formação técnica, mas não uma escola qualquer.

Implantar nas áreas de Assentamentos escolas que se identificam com luta pela terra e a reforma agrária no campo. A pedagogia da alternância tem sido muito importante nas Escolas Família Agrícola e em algumas escolas comunitárias do MST no Estado do Espírito Santo.

Gostaria de buscar respostas para algumas questões que trago neste trabalho de pesquisa que são: como fazer a escola do campo (pública, no campo e com alternância), desenvolvendo teorias e práticas, e administrado por associações comunitárias, com currículo diferenciado para o campo, onde todas as pessoas que vivem no campo tem o direito de estudar, garantindo a formação em todos os níveis e principalmente a formação técnica - científica permanente.

Sabemos que o conhecimento deve ser um instrumento de conscientização, libertação e de elevação cultural. No campo, temos uma demanda grande de jovens que param de estudar no 9º ano do ensino fundamental ou até antes por não se adaptarem à escola da cidade, ou vão para os grandes centros a procura de trabalho e não voltam mais para os assentamentos. Temos que buscar respostas para estas questões.

Os desafios continuam sendo grandes, pois tanto em Aruega, quanto no Primeiro de Junho, só temos o ensino fundamental em funcionamento, e o objetivo é avançar e implementar a escola com anos iniciais, ensino fundamental anos finais e ensino médio com formação técnica, mas não uma escola qualquer. Implantar nas áreas de Assentamentos escolas que identificam com luta pela terra e a Reforma Agrária no campo. A pedagogia da alternância tem sido muito importante nas Escolas Famílias Agrícola e em algumas escolas comunitárias do MST no Espírito Santo.

Isso nos remete ao tema muito trabalhado por CALDART, 2003:

Existe uma nova prática de Escola que está sendo gestada neste movimento. Nossa sensibilidade de educadores já nos permitiu perceber que existe algo diferente e que pode ser uma alternativa em nosso horizonte de trabalhador da educação, de ser humano. Precisamos aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências, e transformá-los em um *movimento consciente de construção das escolas do campo* como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história (p. 62).

Pretendo desenvolver meu trabalho utilizando como método , a nossa história de vida por meio de uma narrativa escrita.

## **Capítulo I - História da Luta pela Terra e pela Escola**

As primeiras articulações para a organização do setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de Minas Gerais aconteceram logo após a ocupação da Fazenda Aruega, em 12 de fevereiro de 1988. Aproximadamente 400 famílias dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha romperam as cercas do latifúndio e posteriormente as cercas do saber. A construção da escola foi feita com a luta e a ocupação da mesma, primeiro iniciaram as aulas com professores e cantineira voluntários, pois a escola ainda não estava reconhecida pela superintendência e Secretaria de Educação do Estado.

A escola era de fato um espaço da comunidade, que além da escola servia também para a realização de reuniões, cursos de base para lideranças do acampamento e dos trabalhadores inseridos no contexto do Sindicato de Trabalhadores Rurais do Nordeste de Minas, norte do Espírito Santo e extremo sul da Bahia, organizados em parceria com os monitores da Escola Sindical Eloy Ferreira (ESEF) e com o MST.

A primeira escola funcionou de 1988 até 1990, quando o INCRA construiu o prédio escolar. Iniciamos o processo de criação da escola estadual e depois de muita luta foi garantido a organização de seis turmas de 1ª a 4ª série e a indicação da diretora. E no mês de abril iniciamos o funcionamento da escola com a participação de educandos do acampamento e das comunidades vizinhas, vale destacar que até aquele momento não existia escola para atender as demandas das crianças da região que contava até então com um grande número de crianças que estavam fora da escola.

O prédio construído pelo INCRA tinha duas salas de aula e uma grande demanda educativa, logo foi organizada as salas e seu funcionamento em dois turnos. Nesse início até na farmácia do acampamento funcionava como espaço de aulas. A escola cumpriu um papel imprescindível para a aproximação e integração entre a comunidade do Assentamento Aruega e as comunidade rurais em torno do município de Novo cruzeiro.

***Orientados pela igreja católica, padres de todo o Brasil reunidos em torno das discussões relativas a luta pela terra e autonomia dos povos do campo atuaram diretamente no Assentamento, por meio da atuação dos padres e da irmã Maria. A irmã Maria veio do sul do país e contribuiu com as discussões de saúde na escola, a partir da grande experiência que possui com plantas medicinais e alimentação saudável. Assim, as primeiras hortas no, então,***

***acampamento Aruega foram incentivadas pela irmã que contribuiu de modo muito significativo com a alimentação saudável e livre de veneno das crianças.***

Ainda no contexto da saúde a relação com a igreja contribuiu com formação das comissões de saúde que em dialogo com professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolveram o estágio de medicina (Internato rural), coordenado pelo Dr. Apolo Lisboa e Antonio Leite, este projeto contou com a prefeitura de Itaipé e se espalhou pelas comunidades próximas de Aruega. Os estagiários moravam no acampamento e a cada três meses trocavam o grupo e quem chegava dava continuidade ao trabalho.

Na escola organizamos os setores, criando e incentivando a auto-organização, estes setores eram o de horta, música, biblioteca e jardim que trabalhavam os valores humanistas e socialistas com as crianças. Cada setor era composto por um coletivo de alunos das turmas e um professor que acompanhava as reuniões de planejamento e as aulas práticas de cada turma.

Orientamo-nos através do caderno de formação nº 18 produzido a nível nacional pelo setor de educação do MST que continha os objetivos e princípios da escola dos assentamentos e acampamentos do MST. No coletivo nacional ajudamos a produzir o primeiro Caderno de Educação nº 1, Como fazer a escola que queremos? (MST, 1992).

Na escola tínhamos um coletivo com representantes de professores, pais, alunos e do Setor de Educação do MST. A luta pela escola foi desafiadora, pois o prefeito do município era contra o acampamento e na superintendência de ensino de Teófilo Otoni que tinha um parente do fazendeiro antigo dono da fazenda Aruega. A perseguição foi grande, mas através de pressão o prefeito foi obrigado a indicar uma das nossas educadoras para a direção da escola (na época não tinha eleição para o cargo de diretor de escola eram indicados por políticos).

No ano de 1991 alguns professores foram contratados, parte dos professores que já estavam trabalhando voluntariamente e a outra parte eram professores de fora da comunidade, pois em sua maioria não existia professores habilitados e formados dentro do MST. Foram organizadas seis turmas, dessas duas funcionaram na farmácia do acampamento, foi organizada uma secretaria e uma campanha de livros nas escolas vizinhas.

O material escolar e a merenda vinham do município, e como as estradas eram ruins muitas vezes tínhamos que buscar merenda junto com pais e alunos a pé a 10 km

onde o transporte conseguia chegar para as crianças era uma festa devido às dificuldades do acampamento a merenda era de suma importância e às vezes a única alimentação do dia. Muitas vezes a merenda demorava a chegar e chegava grande parte vencida.

Além do coletivo de educação, a comunidade criou uma associação para dar andamento aos projetos do assentamento, tinha também uma comissão de saúde que acompanhava o trabalho dos estagiários do internato rural da UFMG.

No acampamento tinha as famílias excedentes pois a área não comportava todas as famílias, com isso em maio de 1992, as famílias foram levadas pelo INCRA para uma área no município de Pedra Azul no Vale do Jequitinhonha, quando o movimento viu que a terra era imprópria para agricultura e muito isolada, decidiram não aceitar a terra resistiu e montou acampamento à margem da BR116 no ponto de Marambaia, município de Caraií.

Permaneceram por um ano, com a saída das famílias, diminuíram as turmas com isso perdemos o direito a ter um diretor, só tínhamos direito a um coordenador, tivemos que dispensar professores e eu tive que assumir uma sala de aula e coordenar a escola que ficou com quatro turmas, fiquei em Aruega até dezembro de 1993.

Como nos diz Arnaldo José Zangelmi, 2007, em seu trabalho, o Assentamento Aruega (Novo Cruzeiro/MG) surgiu à partir da ocupação da Fazenda Aruega, que ocorreu em 1988. Essa ocupação foi a primeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) em Minas Gerais e, a partir de seus desdobramentos, se tornou referencial para as ações de luta pela Reforma Agrária na região. Com a participação de cerca de 300 famílias de vários municípios da região dos vales Jequitinhonha e Mucuri, esse processo de mobilização envolveu atores coletivos tradicionais e inovadores e trouxe importantes transformações no contexto local, colocando em xeque uma pretensa estabilidade das relações sociais no meio rural da região.

A partir dessa ocupação, foram desencadeados novos processos de relações sociais, que envolveram a interação entre grupos comunitários rurais mobilizados; mediadores de movimentos sociais; autoridades dos poderes executivo, legislativo e judiciário; e comunidades rurais e urbanas já estabelecidas tradicionalmente no município de Novo Cruzeiro. Essa trajetória, tensa e conflituosa, envolveu principalmente, pelo seu caráter cotidiano e concreto, relações intensas entre a população local estabelecida no Município e o grupo de trabalhadores rurais mediado pelo MST, o que nos levou a buscar um aporte teórico capaz de contribuir no

esclarecimento e aprofundamento dessas interações ao longo do tempo (ZANGELMI, 2007).

## **Capítulo II: Histórico do Assentamento**

No dia 1º de junho de 1993 às 06h30min da manhã, 150 famílias organizadas pelo MST ocuparam a Fazenda Califórnia, na região leste de Minas Gerais às margens do Rio Doce. Estas famílias de agricultores sem terra vinham de uma luta de sete anos de resistência, pois fizeram parte da primeira ocupação de terra do MST em Minas Gerais, a Fazenda Aruega, hoje Assentamento Aruega.

Naquela manhã chegava nas terras do Rio sem dono Rio Doce como dizia Carlos Olavo Cunha, em cima de caminhões trazendo o que tinham: lona, sacos, documentos e o sonho da conquista da terra. Para ocupar o primeiro latifúndio do Vale do Rio Doce e fincar nossa bandeira de luta tivemos que descarregar os caminhões e levar tudo nas costas pois os mesmos não passavam no túnel sob a ferrovia na entrada da Fazenda.

Neste primeiro momento foi montado o acampamento, inicia uma nova experiência para essas famílias, já na primeira assembléia acontece a organização das comissões e da coordenação do acampamento. As comissões eram de saúde, alimentação, água, comunicação, negociação, educação e formação e do trabalho.

Nos primeiros dias os encaminhamentos para a organização dos grupos de resistência com a divisão das equipes de trabalho, as crianças também se organizavam e faziam assembléias e tinha o coletivo de educação que as acompanhavam no trabalho com uma horta. Os grupos de trabalho tinham o objetivo de produzir alimentos para a subsistência enquanto as comissões de alimentação fazia a campanha de arrecadação nas comunidades que nos apoiavam, e ganhávamos as primeiras mudas de cana, banana e sementes para o plantio. muitos vinham conhecer e já traziam as doações.

Organizamos o primeiro curso de formação com a contribuição de Gilmar Mauro da direção nacional do MST e do Adelar Pizzeta que trabalhamos a história do movimento, como funciona a sociedade, e teoria da organização, a cada etapa concluída celebrávamos com a comunidade.

O local de reuniões era o antigo curral que transformamos em sala de aula e reuniões. A primeira escolinha iniciou seis meses depois da ocupação com a contribuição de voluntários do próprio acampamento, iniciamos também turmas de

educação de jovens e adultos nos barracos de lona, neste momento contamos com um projeto para uma entidade que se chamava IDEIA que ajudava na formação dos monitores e com o material para o trabalho com a alfabetização, os cursos aconteciam na CIDAP /ES CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST.

O setor de educação se organiza na luta por escola no acampamento, em 1994 fizemos uma mobilização em frente a delegacia de ensino de Governador Valadares, onde fomos recebidos e na reunião a equipe apresentou a demanda para a criação da escola oficial, a exigência deles era que teria que ter o local de funcionamento, organizasse os documentos necessários. Foi então que começamos a correr atrás de recurso para a construção das salas de aula, na época contamos com verba de subvenção doada pelo deputado Marcos Helênio, organizamos mutirão junto a comunidade e construímos duas salas de aula na sede da Fazenda aproveitando um galpão que já existia.

Foi em 10 de janeiro de 1995 foi publicada a criação da Escola Estadual 1º de Junho. Com isso foi formada uma equipe da delegacia de ensino para aplicar avaliações para nossas crianças aproveitando o que já havia aprendido e organizamos 4 turmas em 2 turnos, era uma turma de CBAI (CICLO BÁSICO DE ALFABETIZAÇÃO), uma turma de CBAC e uma turma de 3º ano.

A autorização de funcionamento saiu em 31 /03/1995, quando o inspetor apareceu para designar os professores, a comunidade fez uma reunião com os professores falando da nossa proposta pedagógica, foram designados 3 três professores da cidade e eu do assentamento e como já tinha organizado todos os documentos exigidos pela delegacia de ensino fiquei na coordenação da Escola contrataram também um auxiliar de secretaria para ajudar na escrituração e duas cantineiras uma para turno da manhã e a outra para a tarde.

Organizamos quatro turmas de 1ª a 4ª série. Começamos as aulas na sede mas a maioria das famílias continuavam no acampamento de Limeirão, as nossas crianças vinham á pé e gastavam uns 40 minutos para chegar até a escola e chegavam com muita animação, com o tempo as famílias foram construindo casas na agrovila da sede e aos poucos mudando. Fazíamos festas nas datas importantes para a comunidade e a escola estava sempre junto ajudando a organizar. Eram assembleias cursos de formação, aniversário da ocupação, apresentação de teatros, gincanas e a criação do grupo coletivo e depois a cooperativa das 37 famílias que veio fortalecer ainda mais a nossa escola.

Em 1996 o governador criou cursos emergenciais para formação de professores na região, eram 50 vagas para cada curso que funcionou em Conselheiro Pena pela universidade federal de Juiz de Fora, os cursos eram de história, geografia, letras e matemática. Fizemos o vestibular e 9 professores do município passaram sendo 3 do nosso assentamento, um em geografia e dois para História, eu passei em 13º lugar na região em História. Então todo período de férias íamos para Conselheiro Pena estudar.

O assentamento 1º de junho é o reflexo da luta pela terra e Reforma Agrária no nosso país, por se consolidar, após uma trajetória de oito anos de luta de homens, mulheres e crianças que, em doze de fevereiro de 1988, ocuparam o primeiro latifúndio improdutivo: a Fazenda Aruega no município de Novo Cruzeiro Minas Gerais.

A terra não foi suficiente para todas as famílias e muitas ficaram excedentes. Diante da situação, as famílias decidiram sair da Fazenda Aruega e foram em busca de outra terra já negociada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com grande expectativa de serem assentadas.

Ao chegarem ao local, as famílias ficaram surpresas ao perceberem que a terra não tinha as mínimas condições de atender as necessidades das famílias, pois seu potencial agrícola era insuficiente. Sendo assim, tomaram a decisão de retornarem e acamparem mesmo sem saber onde, a decisão era unânime: continuar lutando pela terra.

Elas não tiveram outra opção a não ser acampar as margens da BR 116, próximo a pequena cidade de Marambaia, onde permaneceram acampadas por mais de dois anos. Cansados de esperar por soluções governamentais, decidiram ocupar outra área e na manhã do dia 1º de junho de 1993, as famílias ocuparam a Fazenda Califórnia no município de Tumiritinga, onde permaneceram acampadas por três anos. Em 1996, as famílias legitimaram a posse da terra e continuam lutando para permanecer e produzir o seu sustento.

### ***Sujeitos da Educação do Campo***

Para identificar os sujeitos da Educação do Campo se faz necessário contextualizar sua trajetória. Pode-se dizer que os sujeitos mencionados no presente trabalho são sujeitos coletivos, que inicialmente se organizaram para ocupar o latifúndio - Aruega (1988). A luta por escola começou junto com a luta pela terra, foram quatro anos de trabalho voluntario, sendo legalizada em 1991.

Em 1993 famílias excedentes ocuparam a Fazenda Califórnia hoje assentamento 1º de Junho. No mesmo momento iniciou-se o trabalho com educação, envolvendo jovens e adultos, não alfabetizados, os educadores eram pessoas do próprio assentamento. Em 1995, conseguiu a legalização da escola e os educadores não puderam continuar por falta de formação.

De 1993, até o momento atual a luta pela terra no município de Tumiritinga foi se intensificando e hoje são três assentamentos e duas áreas ocupadas são elas o acampamento Sebastião Moreira, Boa Esperança somando aproximadamente 1500 pessoas, diante desse contexto pode se dizer que os sujeitos como já foram citados acima, eles se envolvem primeiramente na luta pela terra, estão envolvidos em uma luta coletiva e modo geral se organizam na organização interna do assentamento ou acampamento e nas mobilizações interna e externa do próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O município de Tumiritinga no que diz respeito a Educação do Campo tem aspectos favoráveis e grandes desafios, pois grande parte da população vive no campo sendo famílias assentamentos e acampamentos pequenos proprietários ou agregados. Quanto à organização escolar, o acesso a escola se dá através do transporte escolar que traz os alunos para a cidade, até mesmo dos anos iniciais, pois por parte do município só se encontra uma escola dos anos iniciais uma turma que atende em média 16 alunos. Os anos finais do ensino fundamental e médio e médio são todos atendidos na cidade.

É notável um grande desafio da educação do campo no que diz respeito os anos finais do ensino fundamental, médio e técnico. Educadores, pais, jovens, adultos e crianças, gente de todas as idades, assentados e acampados da Reforma Agrária. Aproximadamente (1500) mil e quinhentas pessoas

No nosso caso Escola Estadual 1º de Junho, e em dois anexos, Comunidade de Limeira e Acampamento Boa Esperança.

Miguel Arroyo no artigo que escreveu sobre Ações coletivas e conhecimento fala deste vínculo:

Vincular ações coletivas, conhecimento e pedagogias supõe o reconhecimento das experiências e ações desses coletivos organizados



ou não em movimentos sociais. Ações coletivas na diversidade de campos e fronteiras de luta pelo direito à vida, terra, ao teto e território, à identidade, orientação sexual, memória e cultura, à saúde, educação e dignidade, à justiça, igualdade, às diferenças. Ações coletivas pela emancipação. Pedagogias libertadoras radicais. O foco são os conhecimentos e os processos, as pedagogias que nessas ações coletivas emancipatórias os seus sujeitos produzem. Contestam pensamento em que foram produzidos? Trazem suas experiências e interpretações? Repolítizam o campo do conhecimento? Em que aspectos? Trazem o foco para outras pedagogias em que se afirmam sujeitos sociais, políticos, culturais? (ARROYO, 2003).

### *Práticas de Educação do Campo*

Quanto às práticas de Educação do Campo pode se dizer que elas acontecem dentro e fora da escola. No contexto escolar as práticas são: trabalho em mutirão, aula de campo, semana da criança com atividades pedagógicas e recreativas, mística todas as segundas feiras e feiras de ciências, linguagens e outras. Fora do contexto escolar acontecem: aniversário do Assentamento, festas juninas, dia das mães, dia dos pais, carnaval, dia da Consciência Negra.

Os conteúdos trabalhados contêm os Temas Geradores<sup>1</sup>, o Calendário Histórico da luta dos trabalhadores, a história da luta pela terra. Os projetos como meio ambiente, saúde, qualidade de vida. Conteúdos contextualizados, Encontros de Educadores e Sem Terrinha. Os cursos são organização em ciclos de Educação Infantil e anos iniciais, já a Educação de Jovens e adultos é organização em períodos. Os materiais utilizados, são livros didáticos, alguns materiais produzidos no coletivo da escola e no MST.

As avaliações têm a função diagnóstica, formadora identificando os sucessos e as dificuldades, para reorientar o planejamento. A avaliação leva e conta aspectos qualitativo. Da aprendizagem contínua, cumulativa com registro do processo de aprendizagem.

O projeto político pedagógico na sua construção houve participação das instâncias da comunidade, no período, ainda existia a cooperativa, o que facilitou o processo de debate em torno do Projeto Político Pedagógico hoje precisa-se melhorar, pois já tem alguns aspectos que estão superados como é o caso de algumas metas já alcançadas.

---

<sup>1</sup> Temas geradores – parte do estudo da realidade que transformada em temas orienta o planejamento dos nossos educadores. ex: nosso assentamento, com esse tema inicia se um estudo da realidade do assentamento ou acampamento chamando a atenção do educando para tudo que existe ao seu redor.

Ele contempla os princípios, filosóficos e pedagógicos da pedagogia a proposta pela MST, fazendo uma breve reflexão, pode se dizer com a ficou apenas no papel. Não foram colocados em prática. Existe um planejamento temático anual e de projetos, como também por área do conhecimento e das aulas do dia a dia.

### ***Políticas Públicas da Educação do Campo***

A política pública de Educação do Campo no Município de Tumiritinga são mínimas, pois em 1998 foram fechadas todas as escolas rurais e nas escolas estaduais foram municipalizadas, as turmas de educação infantil e anos iniciais e a Escola Estadual 1º de Junho foi a única que não foi municipalizada porque a comunidade se mobilizou e não aceitou a municipalização. Reflexo disso veio a política do transporte escolar e todos os professores excedentes.

Uma política considerada relevante para todas as escolas foi o projeto do PAA E PENAI com entrega de alimentos. Merenda escolar do FNDE e a bolsa família. Recebimento de outros recursos via a caixa escolar.

Somos os povos do campo e queremos uma educação diferente, criar uma relação entre os povos do campo, indígenas, quilombolas, camponeses, fortalecer a nossa luta, valorizar nossa cultura, pessoas que estão na luta a mais de 30 anos e hoje estamos colhendo os frutos com muita alegria vendo nossos jovens chegar á Universidade iniciando o curso de Licenciatura em educação do campo em Viçosa.

### ***Análise das entrevistas:***

A Metodologia utilizada por mim foi a entrevista semi estruturada com um grupo focal. A questão apresentada foi: o que a escola de assentamento representou na vida deles.

Veja o significado da escola e do assentamento na voz de quem vivenciou de perto esta luta que coloca possibilidades e perspectiva de vida.

Os entrevistados são educandos que viveram sua infância na luta pela terra em seguida a luta por escola uma trajetória de em média oito nos. Neste contexto participaram da construção da primeira escola na fazenda Aruega município de Novo Cruzeiro, com a saída das famílias em busca de outra área para serem assentadas, participaram da ocupação em primeiro de junho de noventa e três e mais uma vez participa da luta pela Escola Estadual 1º de Junho e atualmente estão iniciando em Viçosa o curso de licenciatura em educação do campo. Este grupo representa para nós educadores do MST, uma grande vitória e ao mesmo tempo esperança para revolucionar a escola do campo e principalmente a dos assentamentos, pois são frutos do nosso trabalho na gênese do MST em Minas Gerais.

*o- Mbfs* Venho através deste documento, fazer-lhes sabido a trajetória de minha existência ao lado da minha família, na luta árdua que parecia interminável, luta por sobrevivência, por um pedaço de pão, por terra prá plantar, por uma cama descente, por uma vida melhor, eram tempos difíceis, quando até sonhar não nos eram permitidos. Éramos nômades, não havia endereço, não havia números, nem cartas, não tínhamos identidade, éramos ignorados, não tínhamos segurança, o medo fazia parte das nossas vidas em todos os instante, dentre estes era o da noite, quando no acampamento silêncio reinava, junto com o frio que doía ou o calor que nos amortecia dentro dos barracos de lona preta que se faziam. Mas nós caminhamos, caminhamos muito com a bandeira erguida, no asfalto duro, entre carros grandes e pequenos, carregando no peito a esperança de dias melhores, com sol ou com chuva, lá íamos nós em busca de nossa felicidade, de um Alugar que realmente seria nosso, até que um dia isso aconteceu. As dificuldades continuava a aflingir-nos, não tínhamos muitas opções, elas nos forçavam a trabalhar, antes do sol e às vezes depois dele, sem uma alimentação adequada que nos sustentassem para realizá-lo. Desde os meus 4 anos de idade, e os anos foram passando, na verdade nunca desanimei, sempre acreditei no meu potencial, sempre busquei o melhor pensando positivo que dias melhores viriam, para minha família e para meus companheiros que lutaram com a mesma intenção. Hoje me sinto muito feliz e realizada, pelo fato de muitas conquistas mas esta, o de chegar nesta instituição de ensino de grau superior, quando que eu imaginava isto para minha vida, era algo que fugia á minha realidade. espero nesta conquista ampliar meus conhecimentos, transpondo as barreiras da ignorância, do individualismo e do ódio que não nos deixa viver, proporcionando ao meu próximo meios de sobrevivência, dignos como humanos que somos e que deus esteja conosco nesta caminhada e desafios de nossa formação acadêmica (Depoimento à autora).

A fala da entrevistada nos faz ter cada vez mais a convicção da importância da luta pela terra e por educação, tendo em vista as mudanças na vida das pessoas nos vários aspectos de formação e realização humana, sujeitos de sua própria história.

fps-raps-cnp-msgs-(grupo) A escola estadual 1º de junho é para nós a extensão da nossa primeira luta pela terra no estado de Minas Gerais em 1988 e nos faz voltar no tempo e lembrar, a nossa busca por uma escola voltada pra nós do pra campo, na fazenda Aruega que se deu no ano de 1991, mesmo sendo uma escola construída pelo estado, mas graças a deus tínhamos pessoas como a Medeiros e outros mais, que conseguiram entranhar a pedagogia do campo em nossa escola, e isso seguiu com nós até aqui e sempre com a busca constante da Medeiros pra nossa 2ª escola, começando no curral, multisseriada, até chegar a construção do 1º prédio construído em mutirão e a criação da escola oficial em nossa agrovila. Isso enquanto criança e adolescente depois já adulto com o projeto EJA. E sempre com a Medeiros nos incentivando e nos orientando. e do mesmo modo o nosso curso de licenciatura em educação do campo e deu através dela com olhar pela busca de uma educação voltada pra nossa realidade, uma educação diferenciada pra nossa gente. e com isso vem o sonho uma de trazer uma EFA para o nosso município, pois uma verdadeira educação não se dá sozinha, isolada, mas sim com uma integração entre educadores trabalhadores, educandos enfim entre comunidades, pois o problema da falta de uma educação voltada para povo do campo não é um problema só da falta da mesma, mas também da falta de educadores no campo com olhar e vivência da educação popular pra educação e pro campo integrando campo e cidade. Nós educandos oriundos do assentamento 1º de junho esperamos com o curso de licenciatura em educação do campo poder contribuir hoje e futuramente reconstrução dos conteúdos trabalhados hoje, não só na nossa escola mas nas escolas do campo de outras áreas (Depoimento à autora).

No decorrer das entrevistas se mantem o olhar do grupo sobre a escola e a importância da escola o grupo se encontra em pleno entusiasmo tendo em visto o ingresso do grupo em um curso nesta modalidade 'educação do campo' é um grupo homogêneo que se insere no mesmo contexto de luta é muito forte o impacto que a educação pode'. Causar na vida dos sujeitos quanto ela é construída juntamente com esses sujeitos, quero aqui reconhecer as lutas coletivas do MST.

O aluno fala do seu aprendizado em uma escola do campo e já manifesta o desejo de ter continuado os estudos no campo

Meu nome é Lucas Santos e tenho 17 anos. Sou nascido criado e no assentamento primeiro de junho. o fato de ter estudado até os 10 anos em uma escola do campo em meu assentamento foi muito vantajoso, porque, nas escolas do campo além de aprendermos a pauta de estudos presente em qualquer escola também aprendemos algo muito importante. A história de minha família e como foi a luta para

conseguirmos o que temos hoje. Atualmente estudo em uma cidade que fica a três quilômetros de onde eu vivo embora a distância seja curta desde o primeiro dia que coloquei os pés na nova escola, já senti uma grande diferença porque quando eu estudava no campo tinha mais ligação com os professores e mais entusiasmo para estudar, além dos estudos normais nos sempre tínhamos aulas com a terra e em uma horta da escola aprendíamos também a plantar. Teria sido muito bom se toda minha turma tivesse continuado a estudar em nosso assentamento, o estudo no campo é bem variado e nos possibilita uma formação acadêmica e pessoal muito mais valiosa que a que a maioria possui nas escolas da cidade. Uma coisa que também considero de muito valor é saber que boa parte de tudo que eu sei sobre o MST aprendi no tempo que eu estudei no campo. Porque nas escolas do campo sempre foi dado muito valor para nossas origens (Depoimento à autora).

As entrevistas apontaram o significado da escola na construção humana dos sujeitos do campo os quais são sujeitos de sua própria história, história de lutas coletivas. Refletindo aqui o papel que a escola teve na vida dos ex-alunos fica claro a necessidade da construção da escola que tenda de forma mais abrangente os anos finais do fundamental ensino médio que ainda são poucas no vale do Rio Doce.

### **Considerações finais**

Concluo dizendo que a realização deste trabalho foi um desafio necessário para a motivação e continuidade do processo de construção da educação do campo. Fica para mim um grande desafio de continuar lutando por escola contando com a juventude do campo que estão ocupando cursos de licenciatura em educação do campo nas Universidades como é o caso dos 16 alunos do Assentamento 1º de junho garantindo assim educadores comprometidos com a luta pela terra e reforma agrária.

Os movimentos sociais do campo tem que preocupar com a formação dos educadores que atuam nas escolas do campo, no nosso caso temos 3 educadores formados na licenciatura do campo que fazem a diferença na escola e na comunidade do Assentamento.

Outro desafio foi conciliar o trabalho profissional com a pesquisa, mas concluo que o que vivenciei será gratificante para mim, como pessoa como profissional e militante. Sinto-me parte de uma luta digna e necessária para forjar sujeitos com

valores humanos, neste sentido o curso e a pesquisa cumpre um papel fundamental para a construção de práticas pedagógicas que fortaleça a identidade dos povos do campo. Foi gratificante perceber a importância da escola na vida da nossa juventude.

Para mim ficou muito claro a necessidade de uma escola que dialogue com a juventude do campo em toda sua formação escolar com vínculo nas raízes do campo. O que Arroyo coloca como pedagogia da terra precisa ser vivenciada nas práticas de educação para forjar outros valores como trabalho coletivo, mística, vínculo com a terra, à preservação da nossa cultura e da natureza.

A reflexão que faço é que durante as entrevistas não apareceu nem uma fala no sentido de desafios ainda a ser superados. Depois de todos esses anos, posso dizer que essa história, escrita pelos pés e mãos de pessoas diferentes e que resolveram dar um rumo digno a suas vidas, é um exemplo de como toda conquista exige vontade de aceitar os desafios e maturidade para enfrentar as dificuldades.

A terra conquistada permite plantar e colher, colocar comida na mesa, educar nossos filhos e garantir dignidade a muitos trabalhadores. Sabemos que nosso Assentamento é a realização de um sonho de muitos que ainda lutam por um pedaço de chão. Aqui nossos filhos têm oportunidade de formação, trabalho e lazer. A luta pela escola está fortalecendo cada vez mais a luta pela terra na medida que formamos dirigentes com capacidade de organizar melhor nossas áreas fazer da luta uma escola para a vida.

Termino meu trabalho reforçando o que a Roseli escreve em seu livro educação e Movimento sobre a nossa identidade e que o Zé Pinto expressa muito bem em seu poema, ASSIM VOU CONTINUAR:

A flor que mais me marcou  
Na luz do meu recitar  
Foi uma jovem em movimento  
Que um dia ousou sonhar  
E isso te fez tão bela  
Quanto uma deusa do mar

Sei que estou acampada  
Tô aqui com muita gente  
Sei que a luta segue em frente  
Vou ter terra para plantar  
Mas vou ser sempre sem terra  
Assim vou continuar

Vamos ter cooperativa  
Como tem noutros lugares  
Construiremos escola para a meninada estudar  
Também posto de saúde  
Ter um posto telefônico

Energia, e a poesia de uma casa pra morar  
Mas vou ser sempre sem terra  
Assim vou continuar  
Realmente se essa força chamada MST  
For crescendo deste jeito  
Na luta por terra e pão  
Construindo educação  
Ensinando e aprendendo  
Nessa briga por direito  
No amanhã muito próximo  
Muita coisa vai mudar

A liberdade virá  
Os canhões se apagarão  
E agora é só canção  
Melodia de amar  
E se tu me perguntares  
Agora não será mais sem terra?  
Respondo: claro que sim  
Pois uma coisa é ser sem-terra  
Outra coisa é ser Sem Terra  
Assim vou continuar.

## **Referências Bibliográficas**

CALDART, Roseli Salete. Movimento Sem Terra: lições de pedagogia. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 50-59, 2003.

MST, MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Como fazer a escola que queremos**. Caderno de Educação, Porto Alegre, n. 1, (...), 1992.

ZANGELMI, Arnaldo José. **História, Identidade e Memória no Assentamento ARUEGA-MG**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa.